



Análise MENSAL

Macroeconomia

FEVEREIRO DE 2018

1. INTRODUÇÃO

Apesar de o cenário econômico estar bastante positivo, há um problema sério se desenhando: um risco de comércio, através de medidas protecionistas de Trump e da possível guerra comercial entre grandes potências.

Como nem tudo é ruim, o Brasil pode aproveitar esse momento para aumentar suas exportações onde houver queda de braço entre EUA e China.

Na América Latina, a consolidação de dados começa a dar uma melhor noção do que

foi o ano de 2017 e do cenário para o início de 2018.

Houve novo rebaixamento nos ratings do Brasil em mais uma agência de risco, seguindo o que havia acontecido em janeiro. Isso deve encarecer a captação de dinheiro pelo Brasil.

O crescimento brasileiro ainda está abaixo do esperado mesmo com o grande corte de juros feito nos últimos meses. Com isso, alguns economistas começam a apostar em um novo corte de juros.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

As negociações do NAFTA seguem lentas e rumam por um caminho de falha. As notícias de sobretaxa americana sobre o aço podem alterar os rumos da economia mundial não apenas pelo seu efeito deletério sobre a economia, mas pelo exemplo.

A situação fiscal dos EUA gera preocupações no médio-prazo, pois cortes de impostos estão sendo feitos em um país já deficitário, sem que se haja uma diminuição de gastos maior por parte da administração Trump. No curto prazo, porém, a maior demanda norte-americana pode favorecer o Brasil.

A taxa de juros norte-americana deve subir, segundo indicações do presidente do FED, Jerome Powell. Além de ser uma notícia ruim para o governo norte-americano, reduz também a demanda.

A taxa de desemprego cai bastante nos EUA: a criação de vagas foi de 186 mil e os salários também estão subindo. Ainda há muito espaço para que o emprego cresça sem afetar tanto a inflação, mas aí seria uma discussão bem mais complexa.

O dólar se recuperou no mês, com pequenos ganhos em relação às moedas mais importantes do mundo. No entanto, não se sabe se isso é sustentável ao longo prazo, já que pode afetar fortemente a questão fiscal e comercial dos EUA. Para o exportador brasileiro, todavia, a notícia é boa, vez que quanto mais forte o dólar, mais competitivo fica o produto nacional no exterior.

O Banco Central Europeu não deve mudar suas políticas e o euro deve se manter estável. Já a libra esterlina, apesar das tentativas do Reino Unido em minimizar os danos do Brexit, deve se enfraquecer no longo prazo.

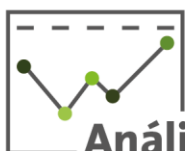
Alguns pontos importantes a considerar foram as eleições italianas, que acabaram não decidindo nada devido à falta de coalizão, e o “fim da eleição” na Alemanha. Lá, o governo Merkel conseguiu formar uma coalizão para governar nos próximos quatro anos, mas fez-se necessário entregar ministérios importantes e mudar levemente sua política para acomodar os novos companheiros de grupo.

A decisão do Governo Trump de anunciar tributação ao aço antes do Congresso Nacional Popular da China é um dos fatores de maior instabilidade no início de março, considerando que a China anuncia toda a política econômica e suas metas. Isso os coloca em uma posição vantajosa sobre os EUA. Os resultados dessa reunião devem afetar bastante a economia mundial, mas serão necessárias mais informações para listar essas mudanças.

A economia japonesa prevê inflação de 2% em 2019, que é algo extremamente raro de se acontecer no País. Como remédio, o Banco do Japão deve anunciar um aumento no imposto de consumo, o que é uma péssima notícia para o exportador brasileiro, principalmente os de milho e carnes.

A Colômbia apresenta taxa de inflação próxima ao teto da meta. Como o comércio com o Brasil ainda é incipiente, políticas de redução de demanda não serão sentidas pelo Brasil.

A Argentina não consegue controlar sua inflação: em uma situação bem pior que a brasileira, a meta do governo era fechar 2018 com inflação abaixo de 10%, mas já nos dois primeiros meses de 2018, a inflação acumulada está em 4,2%. Então, o governo alterou a meta para 15%, o que dificilmente conseguirá atingir. Com isto, gerou-se uma desvalorização da moeda argentina em relação ao dólar e ao real, o que significa que as commodities argentinas



Análise MENSAL

Macroeconomia

FEVEREIRO DE 2018

estão ganhando competitividade em relação à nossa.

A inflação mexicana, que é uma das maiores preocupações do país no momento, vai se reduzir bastante em 12 meses. Com os dados de janeiro, deve cair de 6,8% para 5,6%. Já com os dados de fevereiro esse valor deve cair ainda mais. Com a possível crise comercial entre México e EUA, de quem os mexicanos dão prioridade para a compra de produtos agrícolas, abre-se uma janela interessante para o Brasil.

3. BRASIL

O Resultado consolidado do PIB no quarto trimestre de 2017 aponta recuperação da economia, mas ainda aquém do esperado após um período de tamanha redução na atividade econômica. Segundo o Boletim Focus do dia 9 de março, o crescimento deve ficar em 2,87%, uma leve redução em relação ao relatório da semana anterior.

Ainda segundo esse relatório, a inflação esperada para 2018 caiu mais, sendo prevista em 3,8%, fechando o bimestre com a menor taxa desde o início do plano Real. Esse índice ficou em 0,32% em fevereiro, puxado para baixo principalmente por habitação, alimentação e outros gastos pessoais, enquanto educação e transportes públicos foram os que mais influenciaram a inflação para cima.

Apesar da sinalização de que a Selic pararia de diminuir, já se discute uma nova redução, visto que a retomada do crescimento econômico ainda não está ocorrendo. O consumo das famílias não cresce como o esperado e o crédito não é tão volumoso como em outros tempos.

Para o consumidor, isso pode se traduzir em juros mais baixos e crédito mais barato. No caso dos imóveis, houve queda em praticamente todas as instituições. No crédito rotativo, mais devido a mecanismos que visavam diminuição de risco que pela queda da Selic, houve grande redução nos juros cobrados no mercado.

O desemprego de janeiro ficou em 12,2%, significando 12,7 milhões de desempregados. Janeiro é um mês tradicional de dispensas, pelo fato de os temporários serem demitidos pelo fim do período de aquecimento no comércio.

Apesar do saldo de transações ser deficitário em US\$ 4,3 bilhões, o investimento direto no país trouxe US\$ 6,5 bilhões, o que deixa as contas externas em situação positiva.

A valorização do petróleo, que era contínua desde junho de 2017, acabou. Houve uma queda de US\$4 dólares por barril. Além disso, a EIA espera mais quedas em 2018. Isso se deve pelo fato da queda da demanda por petróleo, o que deve fazer com que os estoques terminem em alta.

As commodities agrícolas estão com tendência de alta, com valorização de 0,33% no mês segundo o Banco Central, com aumento em produtos agropecuários e metais. Para os próximos meses, segue a tendência de alta, tanto no mercado interno quanto no externo.

Para o bom resultado das exportações, há de se destacar a importância do agronegócio, com grande crescimento na exportação de milho (92,4%) e soja (62,9%).

O índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) mostra crescimento de 1,04% em 2017, sendo o primeiro resultado anual positivo desde 2014.

O Real se desvalorizou em relação ao dólar, tendo o valor de R\$3,24 no final de fevereiro. O mês foi muito instável, com o dólar chegando a R\$3,31. A previsão de aumento na taxa de juros nos EUA ajudou nessa queda.

A migração de venezuelanos para o Brasil chega a 40 mil. O Brasil agiu para facilitar a entrada desses imigrantes, com uma licença temporária. Todavia, a situação nas regiões fronteiriças está complicada, com a situação vulnerável com que chegam os venezuelanos ao Brasil. Pela elevada taxa de desemprego do País, não se conseguiu integrar grande parte desses imigrantes.

Em fevereiro, a agência de risco Fitch seguiu a decisão da Standard and Poor's e também reduziu a nota do Brasil, de BB para BB-. Isso significa que o Brasil terá que gastar mais para captar dinheiro no exterior, ou reduzir seus gastos de forma significativa.